

**Bernard
Cornwell**

TRAIADOR

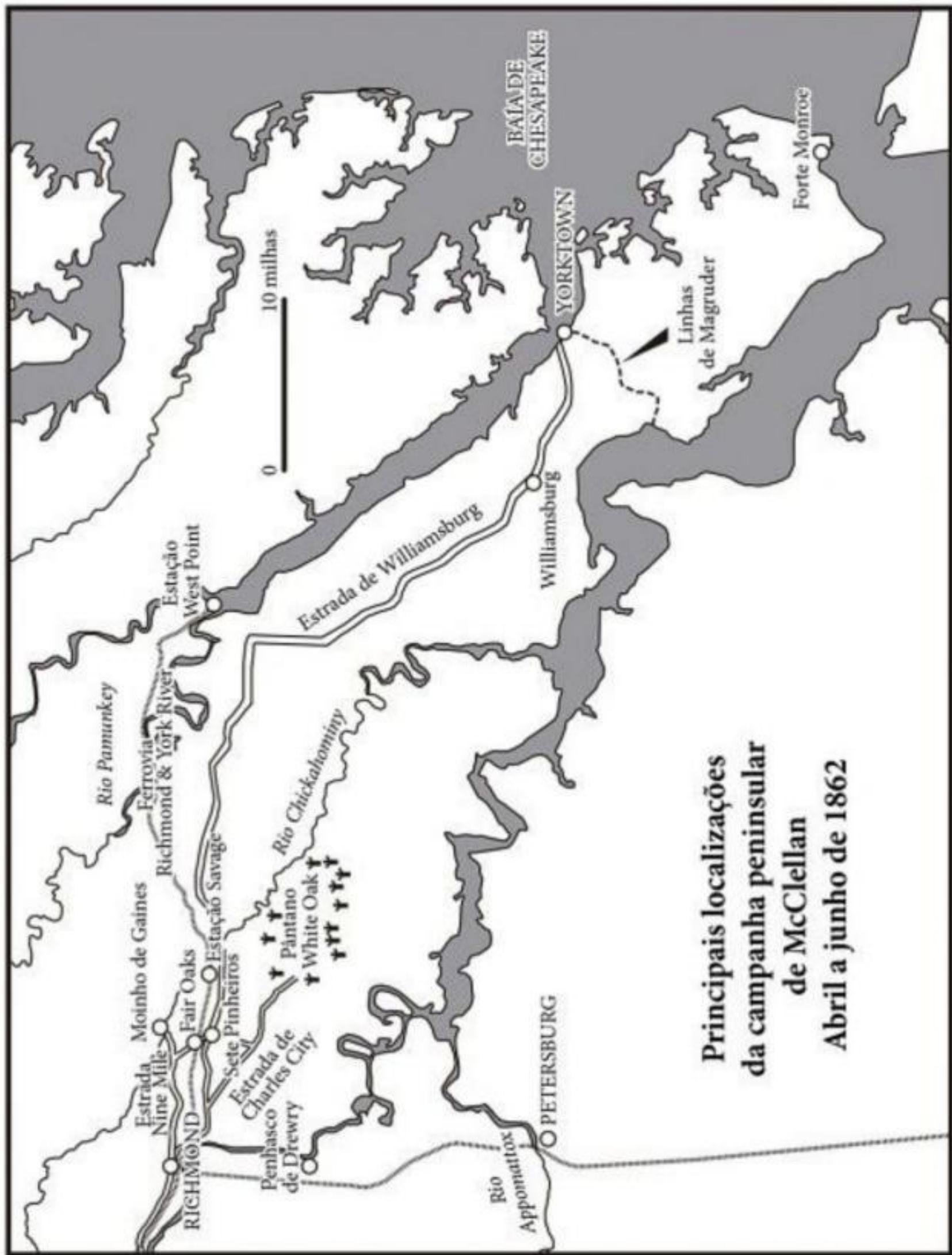
AS CRÔNICAS
DE STARBUCK
LIVRO 2

Tradução de
Alves Calado



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2016



Parte 1

1

A invasão começou à meia-noite.

Não foi de fato uma invasão, apenas um ataque pesado a um acampamento rebelde encontrado por uma patrulha em meio ao bosque denso que coroava os altos penhascos no lado do rio pertencente à Virgínia. Mas, para os dois mil homens que esperavam para atravessar o redemoinho cinza-ardósia do rio Potomac, os esforços desta noite pareciam mais importantes que um mero ataque. Essa corrida para atravessar o rio era a oportunidade de provar que aqueles que os criticavam estavam errados. Soldadinhos brincando de guerra, como havia chamado um jornal; maravilhosamente treinados e lindamente exercitados, porém preciosos demais para se sujar em batalha. Mas esta noite os desprezados soldadinhos iriam lutar. Esta noite o Exército do Potomac levaria fogo e aço a um acampamento rebelde e, se tudo corresse bem, continuaria marchando para ocupar a cidade de Leesburg, três quilômetros após o acampamento inimigo. Os soldados ansiosos imaginavam os envergonhados moradores da cidade da Virgínia acordando e vendo a bandeira com estrelas e listras tremulando de novo acima de sua comunidade, e depois se imaginavam marchando para o sul, cada vez mais para o sul, até que a rebelião estivesse esmagada e o país se reunisse em paz e fraternidade.

— Seu filho da mãe! — gritou alguém na margem do rio, onde uma equipe destacada estivera pondo na água um barco carregado desde as proximidades do canal Chesapeake e Ohio.

Um homem do grupo havia escorregado no barro, largando a popa do barco no pé de um sargento. — Seu desgraçado filho da puta imprestável! — O sargento saiu mancando de perto da embarcação.

— Desculpe-me — respondeu o homem, nervoso.

— Eu vou lhe dar motivos para se desculpar, seu desgraçado!

— Silêncio! Quietos, agora!

Um oficial, resplandecente num sobretudo cinza e novo, com debrum vermelho, desceu a margem íngreme e ajudou a levar o barco para a água cinzenta do rio, do qual uma névoa rala se esgueirava escondendo as encostas mais baixas da margem oposta. Os homens se esforçavam sob a lua alta num céu sem nuvens, uma vastidão de estrelas tão brilhante e limpa que parecia um augúrio do sucesso. Era outubro, o mês perfumado em que o ar recendia a maçãs e fumaça de madeira, e quando os dias sufocantes do verão davam lugar ao tempo limpo, contendo uma promessa de inverno leve o suficiente para os soldados usarem seus sobretudos bons e novos, da mesma cor da névoa do rio.

Os primeiros barcos se afastaram, desajeitados, da margem. Os remos fizeram barulho nos toletes, depois mergulharam espirrando água enquanto as embarcações se afastavam na névoa. Os homens, que pouco antes eram criaturas atrapalhadas, xingando ao descer a margem lamacenta até os barcos desajeitados, foram transformados milagrosamente em silhuetas de guerreiros armados, deslizando silenciosos e nobres através da noite diáfana em direção às sombras enevoadas do litoral inimigo. O oficial que dera a bronca no sargento olhava pensativo para a frente.

— Acho que foi assim que Washington se sentiu na noite em que atravessou o Delaware — comentou em voz baixa aos homens ao redor.

— Creio que aquela noite estava muito mais fria — respondeu

um segundo oficial, um jovem estudante de Boston.

— Aqui logo estará bem frio — disse o primeiro oficial, um major. — Só faltam dois meses para o Natal.

Quando o major havia marchado para a guerra os jornais prometeram que a rebelião terminaria no outono, mas agora ele se perguntava se estaria em casa com a esposa e os três filhos para as tradições familiares da época. No dia anterior ao Natal, eles cantavam em coro na praça em Boston, os rostos das crianças iluminados por lanternas penduradas em varas, e depois havia ponche quente e fatias de ganso cozido na sacristia da igreja. E no dia 25 de dezembro eles iam à fazenda dos pais de sua esposa em Stoughton, onde arreavam os cavalos, e as crianças riam, deliciadas, enquanto trotavam por estradas campestres numa nuvem de neve e sob o tilintar de sinos de trenó.

— E suspeito que a organização do general Washington era superior à nossa — acrescentou o estudante transformado em tenente, divertindo-se. Seu nome era Holmes, e ele demonstrava uma inteligência capaz de espantar os superiores, mas, em geral, não a ponto de afastar o afeto dos outros homens.

— Tenho certeza de que nossa organização vai bastar — retrucou o major, um pouco na defensiva.

— Tenho certeza de que o senhor está certo — concordou o tenente Holmes, mesmo não tendo nenhuma certeza desse fato.

Três regimentos de tropas nortistas esperavam para atravessar, e só havia três barcos pequenos para levá-los do litoral de Maryland à ilha perto da margem oposta do rio, e nessa ilha as tropas deveriam desembarcar antes de embarcar de novo em mais dois barcos para a breve e última travessia até a Virgínia. Sem dúvida estavam cruzando o rio no local mais próximo do acampamento inimigo, mas o tenente Holmes não entendia de fato por que não atravessavam um quilômetro e meio rio acima, onde nenhuma ilha obstruía o caminho. Talvez, supôs Holmes,

este fosse um local de travessia tão improvável que os rebeldes jamais pensariam em vigiá-lo, e esta parecia ser a melhor explicação que ele conseguia encontrar.

Mas, se a escolha do local de travessia era obscura, ao menos o objetivo desta noite estava claro. A expedição subiria os penhascos da Virgínia para atacar o acampamento rebelde e capturar o maior número possível de confederados. Alguns deles iriam escapar, mas esses fugitivos descobririam que o caminho estava bloqueado por uma segunda força ianque que atravessava o rio oito quilômetros abaixo. A força se posicionaria na estrada que levava de Leesburg ao quartel-general rebelde em Centreville, e, ao encurralar as forças rebeldes derrotadas, o norte obteria uma pequena porém significativa vitória para provar que o Exército do Potomac poderia fazer mais que simplesmente se exercitar, treinar e realizar desfiles impressionantes. A captura de Leesburg seria um presente bem-vindo, mas o verdadeiro objetivo da noite era provar que o recém-treinado Exército do Potomac estava preparado para açoitar os rebeldes maltrapilhos.

E, com esse objetivo, os barcos se esforçavam de um lado para o outro atravessando a névoa. Cada travessia parecia demorar uma eternidade, e para os homens impacientes no litoral de Maryland as filas de espera pareciam não diminuir. O 15º Regimento de Massachusetts estava atravessando primeiro, e alguns homens do 20º temiam que o outro regimento capturasse o acampamento inimigo muito antes que os poucos barcos conseguissem levá-los para o outro lado do rio. Tudo parecia lento e desajeitado demais. Coronhas de fuzis batiam nas amuradas e bainhas de baionetas se prendiam nos arbustos à beira d'água enquanto os homens subiam nos barcos. Às duas da manhã uma embarcação maior foi descoberta rio acima e trazida ao ponto de travessia, onde foi recebida com aplausos irônicos. Para o tenente Holmes, os homens que esperavam pareciam estar fazendo

barulho demais, sem dúvida o suficiente para alertar qualquer rebelde que estivesse vigiando a margem da Virgínia, no entanto nenhuma interpelação soou através da névoa e nenhum tiro de fuzil ecoou na alta encosta coberta de árvores que se erguia tão agourenta para além da ilha.

— A ilha tem nome? — perguntou o tenente Holmes ao major que falara tão desejoso sobre o Natal.

— Ilha de Harrison, acho. É, ilha de Harrison.

Para o tenente Holmes esse pareceu um nome pouco dramático. Ele preferiria algo mais nobre para marcar o batismo de fogo do 20º de Massachusetts. Talvez um nome com o som férreo de Valley Forge ou a nobreza simples de Yorktown. Algo que ressoasse através da história e parecesse belo ao ser bordado na bandeira de batalha do regimento. Ilha de Harrison parecia prosaico demais.

— E a colina atrás dela? — perguntou, esperançoso. — Na outra margem?

— É chamada de penhasco de Ball — respondeu o major, e isso era menos heroico ainda. A Batalha do Penhasco de Ball parecia mais uma brincadeira do que o evento que sinalizaria a ressurgência das armas nortistas.

Holmes aguardava com sua companhia. Seriam os primeiros do 20º Regimento a cruzar, e, portanto, os mais prováveis a entrar numa luta se o 15º já não tivesse capturado o acampamento. A possibilidade de travar um combate deixava os homens nervosos. Nenhum deles havia lutado antes, embora todos tivessem ouvido as histórias da batalha no Bull Run, três meses antes, e como os rebeldes maltrapilhos vestidos de cinza se mantiveram juntos de algum modo por tempo suficiente para lançar o exército federal, em maior número, numa retirada em pânico, porém ninguém do 20º acreditava que sofreria um destino semelhante. Os homens possuíam um equipamento extraordinário, além de serem bem-

treinados e comandados por um soldado profissional e acreditarem que derrotariam qualquer rebelde. Haveria perigos, é claro — eles esperavam e até desejavam que houvesse —, mas o trabalho da noite seria coroado com a vitória.

Um dos barcos que voltava da ilha de Harrison trouxe um capitão do 15º Regimento que havia atravessado com as primeiras tropas e agora retornava para informar aos oficiais comandantes sobre os regimentos que esperavam. O capitão escorregou ao saltar da proa, e teria caído se o tenente Holmes não estendesse a mão para firmá-lo.

— Tudo está calmo, Wendell. — O capitão pareceu desapontado. — Calmo demais. Não há sequer um acampamento inimigo lá em cima.

— Não há barracas? — perguntou, surpreso, o tenente Holmes. — É verdade?

E ele torceu para que sua voz soasse adequadamente desapontada, digna de um guerreiro cuja chance de entrar numa batalha fora negada. Em parte, sentia-se desapontado porque estivera ansioso pela empolgação do combate mas também tinha consciência de um alívio vergonhoso porque talvez nenhum inimigo esperasse no penhasco distante.

O capitão ajeitou a casaca.

— Deus sabe o que aquela patrulha pensou ter visto ontem à noite, mas não encontramos nada.

Ele se afastou com sua novidade enquanto o tenente Holmes repassava a notícia à sua companhia. Não havia inimigo esperando do outro lado do rio, o que significava que a expedição provavelmente marcharia para ocupar Leesburg. Um sargento quis saber se havia alguma tropa rebelde na cidade, e Holmes teve de confessar que não sabia, mas o major, entreouvindo a conversa, sugeriu que, na melhor das hipóteses, haveria apenas um punhado de milicianos da Virgínia, provavelmente com as

mesmas armas que seus avós usaram contra os ingleses. O major prosseguiu dizendo que a nova tarefa seria capturar a colheita que devia ter sido posta recentemente nos celeiros e nos armazéns de Leesburg, e que, ainda que esses suprimentos fossem um alvo militar legítimo, outras propriedades particulares deveriam ser respeitadas.

— Não viemos aqui para declarar guerra aos lares de mulheres e crianças — disse com seriedade. — Devemos mostrar aos separatistas que as tropas nortistas são amigáveis.

— Amém — disse o sargento. Ele era um pregador leigo que tentava livrar o regimento dos pecados da jogatina, da bebida e das mulheres.

O restante do 15º de Massachusetts cruzou o rio até a ilha, e os homens de Holmes, com suas casacas cinzentas, desceram o barranco para esperar a vez de usar os barcos. Havia um sentimento de frustração entre os soldados. Eles previram uma caçada alegre pela floresta, mas em vez disso parecia que iriam simplesmente desarmar uma cidade arrancando mosquetes das mãos de velhos.

Nas sombras da margem da Virgínia, uma raposa atacou e um coelho morreu. O guincho do animal foi súbito e agudo, e desapareceu quase imediatamente, deixando para trás apenas o cheiro de sangue e o eco da morte na floresta escura que dormia sem suspeitar de nada.

O capitão Nathaniel Starbuck chegou ao acampamento de seu regimento às três da manhã. Era uma noite clara, estrelada e enluarada, com apenas uma sugestão de névoa nos baixios. Ele viera caminhando de Leesburg. Estava exausto quando chegou ao campo onde as barracas e os abrigos da legião estavam arrumados em quatro fileiras bem-organizadas. Uma sentinela da Companhia C assentiu, afável, para o jovem oficial de cabelos

pretos.

— Ouviu o coelho, capitão?

— Willis? Você é o Willis, certo? — perguntou Nathaniel.

— Bob Willis.

— Você não deveria me interpelar, Bob Willis? Não deveria apontar o fuzil, pedir a senha e atirar em mim caso eu dissesse algo errado?

— Eu sei quem é o senhor, capitão. — Willis riu ao luar.

— O que eu acho, Willis, é que você teria me feito um favor se atirasse em mim. O que o coelho lhe disse?

— Guinchou como se estivesse morrendo, capitão. Acho que foi pego por uma raposa.

Nathaniel estremeceu diante do prazer na voz da sentinela.

— Boa noite, Willis, e que os doces anjos cantem para seu descanso.

Nathaniel caminhou em meio aos restos das fogueiras noturnas e o punhado de barracas onde alguns homens da Legião Faulconer dormiam. A maioria das barracas do regimento tinha sido perdida no caos do campo de batalha em Manassas, de modo que agora a maior parte do regimento dormia ao ar livre ou em abrigos feitos de galhos e relva. Uma fogueira tremulava no meio dos abrigos da Companhia K, a de Nathaniel, e um homem ergueu o olhar enquanto ele se aproximava.

— Sóbrio? — perguntou o homem.

— O sargento Truslow está acordado — avisou Nathaniel. — Você nunca dorme, Truslow? Estou perfeitamente sóbrio. Na verdade, estou sóbrio como um pastor.

— Já conheci alguns pastores bêbados — disse com azedume o sargento Truslow. — Há um pastor batista charlatão em Rosskill que não consegue rezar o pai-nosso sem antes encher a pança com uísque fuleiro. Ele quase se afogou uma vez tentando batizar um bando de mulheres choronas no rio atrás da igreja. Todas elas

rezando e ele tão cheio de álcool que nem conseguia ficar de pé. Então, o que você estava fazendo, saracoteando?

“Saracotear” era a palavra desaprovadora do sargento para dizer “andar atrás de mulheres”. Nathaniel fingiu considerar a pergunta enquanto se acomodava ao lado da fogueira. Então assentiu:

— Eu estava saracoteando, sargento.

— Com quem?

— Um cavalheiro não conta.

Truslow grunhiu. Era um homem baixo, atarracado, de rosto rígido, que comandava a Companhia K com uma disciplina nascida do puro medo, embora esse temor não fosse proveniente de alguma forma de violência física, e sim de seu desprezo. O sargento era um homem cuja aprovação os outros soldados buscavam, talvez porque ele parecesse senhor de seu próprio mundo brutal. Em seu tempo, ele fora fazendeiro, ladrão de cavalos, soldado, assassino, pai e marido. Agora era viúvo e, pela segunda vez na vida, era um soldado que trazia ao serviço um ódio puro, sem complicações, contra os ianques. O que tornava sua amizade com o capitão Nathaniel Starbuck muito mais misteriosa, porque Starbuck era ianque.

Nathaniel vinha de Boston, era o segundo filho do reverendo Elial Starbuck, famoso pela fúria contra o sul, temível opositor da escravidão e pregador passional, cujos sermões impressos fizeram consciências culpadas por todo o mundo cristão estremecer. Nathaniel Starbuck estivera a caminho da própria ordenação quando uma mulher o havia tentado a abandonar os estudos no seminário do Yale College. A mulher o abandonara em Richmond, onde, amedrontado demais para voltar para casa e enfrentar a fúria terrível do pai, ele entrou para o Exército dos Estados Confederados da América.

— Foi a puta de cabelo loiro? — perguntou Truslow. — A que

você conheceu no encontro para orações depois do serviço religioso?

— Ela não é puta, sargento — retrucou Nathaniel sentindo a dor de sua dignidade. Truslow reagiu cuspiendo na fogueira, e Nathaniel balançou a cabeça com tristeza. — Você jamais busca o consolo da companhia feminina, sargento?

— Quer saber se eu já me comportei como um gato vadio? Claro que já, mas deixei isso de lado antes de ter barba. — Truslow fez uma pausa, talvez estivesse pensando na esposa em sua sepultura solitária no alto dos morros. — E onde a puta loira mantém o marido?

Nathaniel bocejou.

— Com as forças do Magruder em Yorktown. Ele é major da artilharia.

Truslow balançou a cabeça.

— Um dia desses você vai ser apanhado e vão arrancar suas entranhas a pancada.

— Isso aí é café?

— É o que dizem. — Truslow serviu ao capitão uma caneca do líquido grosso, doce e melado. — Você dormiu?

— O objetivo da noite não era dormir.

— Você é igual a todo filho de pastor, não é? Basta sentir um cheirinho de pecado para chafurdar na lama feito um porco.

Havia mais que uma sugestão de desaprovação na voz de Truslow; não porque ele tivesse aversão a homens conquistadores, mas porque sabia que sua própria filha contribuiria para a formação de Nathaniel. Sally Truslow, afastada do pai, era prostituta em Richmond. Isso era motivo de amargura e vergonha para Truslow, e, apesar de se sentir desconfortável sabendo que Sally e Starbuck foram amantes, também via na amizade dos dois a única chance de salvação para a filha. Às vezes, a vida podia parecer muito complicada, até para um homem simples como

Thomas Truslow.

— E o que aconteceu com todas as suas leituras da Bíblia? — perguntou ao seu oficial, referindo-se às desanimadas tentativas de devoção que Nathaniel ainda fazia de vez em quando.

— Sou um apóstata, sargento — respondeu Nathaniel, despreocupado, mas na verdade sua consciência não era tão tranquila quanto sugeria o tom de voz.

Às vezes, assaltado pelos temores do inferno, ele se sentia tão preso no pecado que suspeitava que jamais encontraria o perdão de Deus, e nesses momentos sofria as agonias do remorso, porém, quando chegava a noite, pegava-se impelido de volta ao que o tentava.

Agora estava descansando encostado no tronco de uma macieira e tomava o café. Era alto, magro, endurecido por uma temporada como soldado, e tinha cabelos compridos e pretos que emolduravam um rosto anguloso, de barba feita. Quando a legião entrava numa nova cidade ou vilarejo, Truslow sempre notava como as moças olhavam para Nathaniel, sempre para Nathaniel. Assim como sua filha fora atraída para o nortista alto de olhos cinzentos e riso fácil. Mantê-lo longe do pecado, refletiu o sargento, era como manter um cachorro longe de um açougue.

— A que horas vão tocar a alvorada? — perguntou Nathaniel.

— A qualquer momento.

— Ah, meu Deus. — Nathaniel gemeu.

— Você deveria ter voltado antes. — Truslow jogou um pedaço de lenha na pequena fogueira. — Você disse à puta de cabelo loiro que vamos embora?

— Decidi não contar. A separação é um inferno.

— Covarde.

Starbuck pensou na acusação e riu.

— Você está certo. Sou um covarde. Odeio quando elas choram.

— Então não dê motivo para elas chorarem — retrucou Truslow, sabendo que era como pedir ao vento que não soprasse.

Os soldados sempre faziam as namoradas chorarem. Era assim que as coisas funcionavam: eles vinham, conquistavam e depois marchavam para longe. E nesta manhã a Legião Faulconer marcharia para longe de Leesburg. Nos últimos três meses o regimento fizera parte da brigada acampada perto da cidade e vigiava um trecho de trinta quilômetros do rio Potomac, mas o inimigo não demonstrara sinais de que desejava atravessá-lo. E agora, enquanto o outono escorregava em direção ao inverno, multiplicavam-se os boatos de um último ataque ianque a Richmond antes que o gelo e a neve impedissem a movimentação dos exércitos, e assim a brigada era enfraquecida. A legião iria para Centreville, onde o corpo central do Exército confederado defendia a estrada principal que levava de Washington à capital rebelde. Fora nessa estrada, três meses antes, em Manassas, que a Legião Faulconer ajudara a sangrar o nariz da primeira invasão nortista. Agora, se os boatos fossem verdadeiros, eles poderiam ter de fazer todo o trabalho outra vez.

— Mas não vai ser igual. — Truslow captou o pensamento não dito. — Ouvi dizer que não há nada a não ser fortificações de terra em Centreville. De modo que, se os ianques vierem, derrubaremos os desgraçados enquanto estivermos atrás de muros bons e sólidos. — Ele parou, vendo que Nathaniel havia caído no sono de boca aberta, o café derramado. — Filho da puta — resmungou, mas com afeto, porque, apesar de todo o saracoteio de filho de pastor, Nathaniel havia se mostrado um oficial notável.

Ele transformara a Companhia K na melhor da legião, fazendo isso com uma mistura de exercícios constantes e treinamento imaginativo. Fora Nathaniel quem, tendo negadas a pólvora e as balas necessárias para melhorar a habilidade de tiro dos homens,

atravessara o rio com uma patrulha para capturar um suprimento de uma carroça da União na estrada perto de Poolesville. Naquela noite ele trouxera três mil cartuchos, e uma semana depois foi de novo e trouxe dez sacos de bom café nortista. Truslow, que conhecia o trabalho de soldado, reconheceu que Nathaniel tinha um dom para o ofício. Era um combatente esperto, capaz de ler o pensamento do inimigo, e os soldados da Companhia K, na maioria garotos, pareciam reconhecer essa qualidade. Truslow sabia que Nathaniel era bom.

Um bater de asas fez Truslow olhar para cima e ver a forma preta e atarracada de uma coruja passar diante da lua. Supôs que o pássaro estivera caçando nos campos abertos próximos à cidade e agora estava retornando ao lar na densa floresta acima do rio no penhasco de Ball.

Um corneteiro errou a nota, respirou e espantou a noite com seu toque. Nathaniel acordou com um tremor, xingou porque o café derramado havia encharcado a perna da calça, então gemeu de cansaço. Ainda era o meio da noite, mas a legião precisava se levantar, preparar-se para a marcha, afastando-se de sua vigilância silenciosa do rio e ir para a guerra.

— Isso foi uma corneta? — perguntou o tenente Wendell Holmes ao seu sargento devoto.

— Não sei, senhor.

O sargento ofegava enquanto subia o penhasco de Ball, e sua casaca cinza e nova estava aberta, revelando o elegante forro escarlate. As casacas eram presentes do governador de Massachusetts, decidido a garantir que os regimentos do seu estado estivessem entre os mais bem equipados de todo o Exército da nação.

— Provavelmente foi um de nossos corneteiros — supôs o sargento. — Talvez soasse mandando os escaramuçadores

avançar.

Holmes presumiu que o sargento estivesse certo. Os dois se esforçavam subindo o caminho íngreme e sinuoso que levava ao cume do penhasco onde o 15º esperava. Era quase necessário ter de usar as mãos para ajudar a subir a encosta; na escuridão, muitos homens pisaram em falso e escorregaram até bater dolorosamente no tronco de uma árvore. O rio abaixo ainda estava amortalhado pela névoa, onde a forma longa da ilha de Harrison surgia escura. Os homens estavam apinhados na ilha enquanto esperavam os dois barcos que transportavam as tropas pelo último trecho de rio. O tenente Holmes havia ficado surpreso com a velocidade da correnteza que tentara levar o barco rio abaixo, em direção à distante Washington. Os remadores grunhiram com o esforço de lutar contra o rio, depois lançaram a embarcação com força na margem lamacenta.

O coronel Lee, oficial comandante do 20º Regimento de Massachusetts, alcançou Holmes no cume do penhasco.

— O sol está quase nascendo — comentou, animado. — Tudo bem, Wendell?

— Tudo bem, senhor. Eu só estou com tanta fome que seria capaz de comer um cavalo.

— Vamos tomar o café da manhã em Leesburg — disse o coronel com entusiasmo. — Presunto, ovos, broa de milho e café. Um pouco de manteiga sulista fresca! Será um regalo. E sem dúvida todas as pessoas da cidade nos garantirão que não são rebeldes, e sim bons cidadãos leais ao Tio Sam.

O coronel se virou abruptamente, espantado com um grito súbito que ecoou ritmicamente e com aspereza entre as árvores no alto do penhasco. O ruído capaz de parar o coração havia feito os soldados mais próximos girar num alarme rápido, com os fuzis erguidos.

— Não precisam se preocupar — gritou o coronel. — É só uma

coruja.

Ele havia reconhecido o arrulho de uma coruja-listrada e supôs que o pássaro estivesse vindo para casa depois de uma noite de caça, com a barriga cheia de camundongos e sapos.

— Continue avançando, Wendell. — Lee se virou de volta para Holmes. — Siga por aquele caminho até chegar à companhia que está no flanco esquerdo do 15°. Pare lá e me espere.

O tenente Holmes levou sua companhia para a retaguarda dos homens do 15° de Massachusetts, que estavam agachados. Parou junto à linha das árvores iluminadas pela lua. Diante deles, agora, havia uma pequena campina salpicada com as sombras nítidas de pequenos arbustos e alfarrobeiras, e depois delas crescia outro bosque escuro. A patrulha informara ter visto um acampamento inimigo por volta das três horas da madrugada anterior, e Holmes supôs que homens apavorados podiam facilmente ter confundido a luz da lua e as sombras na floresta distante com a forma de barracas.

— Avançar!

O coronel Devens, do 15° Regimento de Massachusetts, gritou a ordem, e seus homens se moveram para a campina ao luar. Ninguém disparou contra eles; ninguém os interpelou. O sul dormia enquanto o norte marchava desimpedido.

O sol nasceu, pintando o rio de ouro e lançando raios escarlate através das árvores enevoadas. Galos cantaram nos quintais em Leesburg, onde baldes eram enchidos em bombas-d'água e vacas chegavam para a primeira ordenha do dia. Oficinas fechadas para o Dia do Senhor foram destrancadas e ferramentas tiradas de bancadas. Fora da cidade, nos acampamentos da brigada confederada que vigiava o rio, a fumaça das fogueiras de cozinhar subia no ar fresco da manhã.

As fogueiras da Legião Faulconer já haviam morrido, mas os homens não estavam com muita pressa para abandonar o acampamento. O dia prometia ser bom, e a marcha até Centreville comparativamente curta, de modo que os oitocentos soldados do regimento se demoraram nos preparativos, e o major Thaddeus Bird, o oficial comandante, não tentou apressá-los. Em vez disso, caminhou amigavelmente entre seus homens como um vizinho afável desfrutando de um passeio matinal.

— Meu Deus, Starbuck. — Bird parou, pasmo, ao ver o capitão da Companhia K. — O que aconteceu com você?

— Só dormi mal, senhor.

— Você parece um morto-vivo! — grasnou Bird, deliciado ao pensar no desconforto de Nathaniel. — Já contei sobre Mordechai Moore? Ele era um estucador em Faulconer Court House. Morreu numa quinta-feira, a viúva chorando sem parar, os filhos berrando feito gatos escaldados, enterro no sábado, metade da cidade vestida de preto, sepultura cavada, o reverendo Moss pronto para entediar a todos nós com suas futilidades costumeiras, e então eles ouvem um som de algo raspando na tampa do caixão. Abrem e lá está ele! Um estucador muito perplexo! Tão vivo quanto você ou eu. Ou eu, pelo menos. Mas ele estava como você. Muito parecido com você, Nate. Parecia meio podre.

— Muito obrigado.

— Todo mundo foi para casa — continuou Bird. — O Dr. Billy fez um exame em Mordechai. Declarou-o em condições de viver mais dez anos e, imagine só, ele morreu logo no dia seguinte. Só que dessa vez morreu de verdade, e tiveram de cavar a sepultura de novo. Bom dia, sargento.

— Major — grunhiu Truslow. O sargento não tratava nenhum oficial como “senhor”, nem mesmo Bird, o oficial comandante do regimento, de quem gostava.

— Você deve se lembrar de Mordechai Moore, não é, Truslow?

— Com certeza. O filho da puta não era capaz de emboçar direito uma parede nem para salvar a vida. Meu pai e eu refizemos metade da casa de Cotton para ele. E nunca fomos pagos por isso.

— Então sem dúvida o ramo da construção está melhor com ele morto — concluiu Bird calmamente.

Pica-Pau Bird era um homem alto, desalinhado, esquelético, que fora professor na cidade de Faulconer Court House quando o coronel Washington Faulconer, o maior proprietário de terras do Condado de Faulconer e cunhado de Bird, havia estabelecido a legião. Ferido em Manassas, Faulconer estava agora em Richmond, deixando Bird no comando do regimento. O professor provavelmente fora o homem menos capacitado como militar em todo o condado, se é que não em toda a Virgínia, e só tinha sido nomeado major para aplacar sua irmã e cuidar da papelada do coronel; no entanto, contrariando as expectativas, o desalinhado mestre se provara um oficial eficaz e popular. Os homens gostavam dele, talvez porque sentissem sua grande simpatia por tudo que era mais falho na humanidade. Bird pôs a mão no cotovelo de Starbuck.

— Uma palavrinha? — sugeriu, conduzindo o rapaz para longe da Companhia K.

Nathaniel acompanhou Bird até a campina com círculos pálidos que marcavam onde estiveram as poucas barracas do regimento. Entre essas marcas havia outras menores, chamuscadas, onde as fogueiras haviam ardido, e, para além dessas cicatrizes, ficavam os grandes círculos de capim mais curto, onde os cavalos dos oficiais pastaram até o limite das cordas que os amarravam. A legião podia marchar para longe dali, refletiu Nathaniel, mas durante dias o campo guardaria essa prova da passagem do exército.

— Já se decidiu, Nate? — perguntou Bird.

Ele gostava de Nathaniel, e sua voz refletia esse afeto. Ofereceu ao rapaz um charuto barato, escuro, pegou um para si e depois riscou um fósforo para acendê-lo.

— Ficarei com o regimento, senhor — respondeu Nathaniel enquanto seu charuto era aceso.

— Eu esperava que você dissesse isso. Mas mesmo assim... — A voz de Bird ficou no ar. Ele deu um trago no charuto, olhando para a direção de Leesburg, sobre a qual tremeluzia uma fina névoa matinal. — Será um dia ótimo.

Tiros de fuzil soaram distantes, mas nem Bird nem Nathaniel prestaram atenção. Eram raras as manhãs em que os homens não saíam para caçar.

— E não sabemos se o coronel vai mesmo assumir a legião, não é, senhor? — perguntou Nate.

— Não sabemos de nada. Os soldados, como as crianças, vivem num estado natural de ignorância voluntária. Mas é um risco.

— O senhor está correndo o mesmo risco — comentou Starbuck objetivamente.

— Sua irmã não é casada com o coronel — respondeu Bird com a mesma objetividade. — O que torna você, Nate, muito mais vulnerável que eu. Permita-me lembrá-lo de que você prestou a este mundo o belo serviço de assassinar o futuro genro do coronel, e, ainda que o céu e todos os anjos tenham se regozijado com seu ato, duvido que Faulconer já o tenha perdoado.

— Não, senhor — concordou Nathaniel em voz direta.

Ele não gostava de se lembrar da morte de Ethan Ridley. Nate o matara durante a confusão da batalha, e desde então dizia a si mesmo que havia sido um ato de legítima defesa, mas sabia que a guardava a ideia de cometer o assassinato no coração ao puxar o gatilho, e também sabia que nenhuma racionalização poderia apagar esse pecado do grande livro no céu, que registrava todas

as suas falhas. Com certeza o coronel Washington Faulconer jamais iria perdoá-lo.

— Mas, mesmo assim, eu preferiria ficar com o regimento — declarou.

Nathaniel era um estranho numa terra estranha, um nortista lutando contra o norte, e a Legião Faulconer se tornara seu novo lar. A legião o alimentava e o vestia, além de lhe dar bons amigos. Também era o lugar onde ele descobrira o trabalho em que era melhor e, com o anseio da juventude para discernir um objetivo maior na vida, Nate havia decidido que era destinado a ser um dos oficiais da legião. Ali era o seu lugar.

— Boa sorte a nós dois então — terminou Bird, e os dois precisariam de sorte, refletiu, caso suas suspeitas estivessem corretas e a ordem de marchar para Centreville fosse parte da tentativa do coronel Faulconer de retomar o controle da legião.

Afinal, Washington Faulconer era o criador da Legião Faulconer. Ele dera seu nome ao exército e o havia aparelhado com os melhores equipamentos que sua fortuna podia comprar, depois o levara para a luta nas margens do Bull Run. Faulconer e seu filho, ambos feridos naquela batalha, retornaram a Richmond para ser saudados como heróis, mas na verdade Washington Faulconer nem estivera perto da legião quando ela enfrentara o avassalador ataque ianque. Agora era tarde demais para consertar a história: a Virgínia, e na verdade toda a parte de cima do sul, considerava Faulconer um herói e exigia que ele recebesse o comando de uma brigada, e, se isso acontecesse, Bird sabia, o herói esperaria que sua própria legião estivesse no coração dessa brigada.

— Mas não é garantido que o filho da puta vá receber a brigada, é? — perguntou Nathaniel, tentando em vão suprimir um longo bocejo.

— Corre um boato de que em vez disso vão lhe oferecer um

posto diplomático, o que seria muito mais adequado, porque meu cunhado tem um gosto natural para lambar o traseiro de príncipes e potentados, mas nossos jornais dizem que ele deveria ser general, e, o que os jornais querem, geralmente os políticos concedem. É mais fácil que ter ideias próprias, veja bem.

— Vou correr o risco.

A alternativa de Nathaniel era se juntar ao estado-maior do general Nathan Evans e ficar no acampamento perto de Leesburg, onde Evans comandava a colcha de retalhos que era a brigada confederada vigiando a margem do rio. Nate gostava do general, mas preferia permanecer com a legião. O exército de Faulconer era seu lar, e ele não conseguia de fato imaginar que o alto-comando confederado daria o posto de general a Washington Faulconer.

Outra saraivada de tiros de fuzil soou na floresta cinco quilômetros a noroeste. O som fez Bird se virar, franzindo a testa.

— Alguém está sendo tremendamente enérgico. — Ele parecia desaprovar a atitude.

— Piquetes disputando? — sugeriu Nathaniel.

Nos últimos três meses as sentinelas se enfrentaram de lados opostos do rio, e, ainda que na maior parte do tempo as relações fossem amistosas, de vez em quando um oficial novo e enérgico tentava provocar uma guerra.

— Provavelmente apenas piquetes — concordou Pica-Pau Bird, e depois se virou de novo quando o sargento-mor Proctor veio informar que o eixo partido de uma carroça, que estivera adiando a marcha da legião, havia sido consertado. — Isso quer dizer que estamos prontos para ir, sargento?

— Mais prontos, impossível.

Proctor era um homem lúgubre e cheio de suspeitas, que vivia temendo um desastre.

— Então vamos partir! Vamos partir! — exclamou Bird,

animado, e seguiu em direção à legião enquanto outra saraivada soava, só que dessa vez o barulho não tinha vindo da floresta distante, e sim da estrada a leste. Bird enfiou os dedos finos na barba comprida e hirsuta. — Você acha...? — perguntou a ninguém em particular, sem se incomodar em articular a pergunta com clareza. — Será...? — continuou, com uma nota de empolgação crescente, e depois outro som de mosquetes ecoou nos penhascos a noroeste, e Bird virou a cabeça para um lado e para o outro, seu gesto habitual quando estava achando algo divertido. — Acho que devemos esperar um pouco, Sr. Proctor. Vamos esperar! — Bird estalou os dedos. — Parece que Deus e o Sr. Lincoln podem ter nos mandado outro dia de trabalho. Vamos esperar.

As tropas de Massachusetts que avançavam descobriram os rebeldes ao se chocarem com um piquete de quatro homens escondidos num trecho da floresta mais baixa. Os rebeldes espantados atiraram primeiro, fazendo os homens de Massachusetts recuar rapidamente pelas árvores. O piquete rebelde fugiu na direção oposta para encontrar o comandante de sua companhia, o capitão Duff, que primeiro enviou uma mensagem ao general Evans e depois levou quarenta homens de sua companhia para a floresta no alto do penhasco, onde alguns escaramuçadores ianques surgiam agora junto à linha das árvores. Mais nortistas começaram a aparecer, tantos que Duff perdeu a conta.

— Há muitos filhos da puta — comentou um dos seus homens enquanto o capitão Duff os alinhava atrás de uma cerca contra cobras e os mandava atirar.

A linha da cerca foi marcada por rajadas de fumaça enquanto as balas assobiavam da encosta suave. Três quilômetros atrás de Duff, a cidade de Leesburg ouviu os disparos, e alguém pensou

em correr até a igreja e tocar o sino para convocar a milícia.

Não que a milícia pudesse se reunir a tempo de ajudar o capitão Duff, que começava a entender a tremenda inferioridade numérica de seus homens do Mississippi. Ele foi obrigado a recuar encosta abaixo quando uma companhia de tropas nortistas ameaçou seu flanco esquerdo, e essa retirada foi recebida por zombarias nortistas e uma saraivada de mosquetes. Os quarenta homens de Duff atiraram, obstinados, enquanto recuavam. Era uma companhia precária, vestindo uma mistura maltrapilha de uniformes marrom-claros e cinza sujeira, mas sua pontaria era muito superior à dos rivais nortistas, que em sua maioria usava mosquete de cano liso. Massachusetts se esforçara tremendamente para equipar seus voluntários, mas não havia fuzis suficientes para todos, e assim o 15º Regimento, do coronel Devens, lutava com mosquetes do século XVIII. Nenhum dos homens de Duff foi acertado, mas suas balas cobravam um preço lento e constante dos escaramuçadores nortistas.

O 20º de Massachusetts veio resgatar seus companheiros. Todos os homens do 20º Regimento tinham fuzis, e seus disparos mais precisos obrigaram Duff a recuar ainda mais encosta abaixo. Seus quarenta homens passaram por cima de uma cerca entrando num campo de restolho, onde havia aveia enrolada em feixes. Não havia mais cobertura por mais de quinhentos metros, e Duff não queria ceder terreno demais para os ianques, por isso parou seus homens no meio do campo e mandou que contivessem os filhos da mãe. Os homens de Duff estavam em número terrivelmente menor, mas eram provenientes dos condados de Pike e de Chickasaw, e Duff achava que isso os tornava alguns dos melhores soldados da América do Norte.

— Acho que teremos de dar uma lição nesses desgraçados de bunda suja, rapazes.

— Não, capitão! Eles são rebeldes! Olhe! — gritou um dos

seus homens alertando, depois apontou para a linha das árvores onde uma companhia de tropas vestindo cinza tinha acabado de aparecer.

Duff olhou horrorizado. Será que estivera disparando contra seu próprio lado? Os homens que avançavam usavam casacas compridas e cinzentas. O oficial que os comandava estava com o sobretudo aberto e carregava uma espada na mão, que ele usava para cortar o mato enquanto avançava, como se estivesse fazendo um passeio casual pelo campo.

O capitão sentiu suas certezas beligerantes se esvaír. Sentia a boca seca, um vazio no estômago, e um músculo da coxa tremia. Os disparos por toda a encosta haviam cessado à medida que a companhia de casacas cinzentas marchava, descendo em direção ao campo de aveia. Duff levantou a mão e gritou para os estranhos:

— Alto!

— Amigos! — gritou de volta um dos homens de casaca cinzenta. Havia sessenta ou setenta homens na companhia, e seus fuzis tinham baionetas compridas e reluzentes na ponta.

— Alto! — exclamou Duff outra vez.

— Somos amigos! — berrou de volta um homem.

Duff podia ver o nervosismo no rosto deles. Um homem tinha um tremor num músculo da bochecha, e outro ficava olhando de lado para um sargento bigodudo que marchava estoicamente no flanco da companhia que avançava.

— Alto! — gritou Duff de novo. Um dos seus homens cuspiu no restolho.

— Somos amigos! — gritaram os nortistas outra vez.

O sobretudo aberto do oficial tinha forro escarlate, mas Duff não conseguia ver a cor do uniforme do sujeito porque o sol estava às costas dos estranhos.

— Eles não são nossos amigos, capitão! — disse um dos

homens de Duff.

O capitão desejou sentir a mesma certeza. Deus do céu, e se aqueles homens fossem amigos? Ele estava prestes a cometer um assassinato?

— Ordeno que parem! — gritou, mas os homens avançavam sem obedecer, por isso Duff gritou para seus soldados mirarem.

Quarenta fuzis subiram para quarenta ombros.

— Amigos! — gritou uma voz nortista.

Agora as duas unidades estavam separadas por cinquenta metros, e Duff ouvia as botas nortistas quebrando e amassando o restolho de aveia.

— Eles não são amigos, capitão! — insistiu um dos homens do Mississippi, e neste exato momento o oficial que avançava tropeçou, e Duff teve uma visão clara do uniforme por baixo do sobretudo cinza forrado de escarlate. O uniforme era azul.

— Fogo! — gritou Duff, e a saraivada sulista estalou como um bambuzal queimando. Um nortista gritou enquanto as balas rebeldes os acertavam.

— Fogo! — gritou um nortista, e as balas de Massachusetts vieram através da fumaça.

— Continuem atirando! — gritou Duff, e esvaziou seu revólver na fumaça de pólvora que já obscurecia o campo.

Seus homens haviam buscado cobertura atrás dos feixes de aveia e recarregavam as armas constantemente. Os nortistas faziam o mesmo, a não ser por um homem, que estava se retorcendo e sangrando no chão. Havia outros ianques à direita de Duff, mais acima na encosta, no entanto não podia se preocupar com eles. Optara por resistir ali, bem no meio do campo, e agora precisaria lutar com aqueles desgraçados até um lado não suportar mais.

A menos de dez quilômetros dali, em Edwards Ferry, mais nortistas atravessaram o Potomac e cortaram a estrada que

levava a Centreville. Nathan Evans, apanhado assim entre as duas forças invasoras, recusava-se a demonstrar qualquer temor indevido.

— Uma pode estar tentando me enganar enquanto a outra se prepara para me estuprar. Não é assim que se faz, Boston?

“Boston” era o apelido que ele dera a Nathaniel. Tinham se conhecido em Manassas, onde Evans salvara a Confederação segurando o ataque nortista enquanto as linhas rebeldes se reorganizavam.

— Desgraçados mentirosos, ladrões de bunda suja — disse Evans, evidentemente falando de todo o exército nortista.

Ele cavalgara com a ordem de manter a Legião Faulconer onde estava, e descobriu que Thaddeus Bird havia se antecipado e cancelado a partida. Evans virou o ouvido para o vento e tentou avaliar, pela intensidade dos disparos de fuzil, qual incursão inimiga oferecia mais perigo. O sino da igreja em Leesburg continuava tocando, convocando a milícia.

— Então você não vai ficar comigo, Boston?

— Gosto de ser oficial da companhia, senhor.

Evans resmungou em resposta, mas Nathaniel não tinha certeza se que o pequeno sul-carolinense boca suja ouvira o que ele dissera. Evans voltava a atenção de um lado para o outro, entre os sons das duas incursões nortistas. Otto, seu ordenança alemão, cujo principal serviço consistia em carregar um barril de uísque para uso do general, também ouvia os disparos, de modo que a cabeça dos dois se virava para lá e para cá simultaneamente. O general foi o primeiro a parar, estalando os dedos para um gole de uísque. Ele esvaziou a caneca de estanho, depois olhou de novo para Bird.

— Você, Pica-Pau, fique aqui. Você é minha reserva. Não creio que os desgraçados sejam muitos, não estão fazendo barulho suficiente para isso, portanto é melhor ficarmos parados e ver se

podemos sangrar o nariz deles. Matar ianques é um bom modo de começar a semana, não é? — Ele gargalhou. — Claro, se eu estiver errado, todos estaremos mortinhos ao anoitecer. Venha, Otto! — Evans esporeou seu cavalo e galopou de volta ao forte com muros de terra que era seu quartel-general.

Nathaniel Starbuck subiu numa carroça cheia de barracas dobradas e dormiu enquanto o sol dissipava a névoa do rio e secava o orvalho dos campos. Mais tropas nortistas atravessaram o Potomac e subiram o penhasco, amontoando-se sob as árvores. O general Stone, comandante das forças federais que vigiavam o rio, decidira mandar mais tropas para a travessia e deu ordens para que os invasores não somente ocupassem Leesburg como também fizessem um reconhecimento em todo o Condado de Loudoun. Se os rebeldes tivessem ido embora, comandou Stone, os ianques deveriam ocupar a área, porém, caso uma grande força confederada se opusesse ao reconhecimento, as forças federais estariam livres para recuar atravessando o rio com qualquer comida que pudessem confiscar. Stone despachou a artilharia para acrescentar poder de fogo à força invasora, mas também deixou claro que a decisão de ficar na Virgínia era do homem que agora estava no comando de toda a operação nortista.

Esse homem era o coronel Ned Baker, um político alto, de barba feita, cabelos prateados e eloquente. Baker era um advogado californiano, senador no Oregon e um dos amigos mais próximos do presidente Lincoln, tão próximo que Lincoln dera o nome do senador ao segundo filho. Baker era impetuoso, passional, caloroso, e sua chegada ao ponto de travessia do rio empolgou os homens do 15º Regimento de Massachusetts que ainda esperavam o regimento Tammany, de Nova York, na margem de Maryland. O regimento de Baker, o 1º da Califórnia, juntou-se à invasão. O regimento era de Nova York, mas os